

Roger Chartier

A história ou a leitura do tempo

Tradução

Cristina Antunes

**autêntica**

## A história na era digital



Outra questão de nosso presente, menos aguda há dez anos, é a das mutações que impõe à história o ingresso na era da textualidade eletrônica. O problema já não é o que, classicamente, vinculava os desenvolvimentos da história séria e quantitativa com o recurso ao computador para o processamento de grandes quantidades de dados, homogêneos, repetidos e informatizados. Agora se trata de novas modalidades de construção, publicação e recepção dos discursos históricos (CHARTIER, 2004).

A textualidade eletrônica de fato transforma a maneira de organizar as argumentações, históricas ou não, e os critérios que podem mobilizar um leitor para aceitá-las ou rejeitá-las. Quanto ao historiador, permite desenvolver demonstrações segundo uma lógica que já não é necessariamente linear ou dedutiva, como é a que impõe a inscrição, seja qual for a técnica, de um texto em uma página. Permite uma articulação aberta, fragmentada, relacional do raciocínio, tornada possível pela multiplicação das ligações hipertextuais. Quanto ao leitor, agora a validação ou a rejeição de um argumento pode se apoiar na consulta de textos (mas também de imagens fixas ou móveis, palavras gravadas ou

composições musicais) que são o próprio objeto de estudo, com a condição de que, obviamente, sejam acessíveis em forma digital. Se isso é assim, o leitor já não é mais obrigado a acreditar no autor; pode, por sua vez, se tem vontade e tempo, refazer total ou parcialmente o percurso da pesquisa.

No mundo dos impressos, um livro de história supõe um pacto de confiança entre o historiador e seu leitor. As notas remetem a documentos que o leitor, no geral, não poderá ler. As referências bibliográficas mencionam livros que o leitor, na maioria das vezes, não poderia encontrar senão em bibliotecas especializadas. As citações são fragmentos recortados por mera vontade do historiador, sem possibilidade, para o leitor, de conhecer a totalidade dos textos de onde foram extraídos os fragmentos. Esses três dispositivos clássicos da prova da história (a nota, a referência, a citação) estão muito modificados no mundo da textualidade digital a partir do momento em que o leitor é colocado em posição de poder ler, por sua vez, os livros que o historiador leu e consultar por si mesmo, diretamente, os documentos analisados. Os primeiros usos dessas novas modalidades de produção, organização e certificação dos discursos de saber mostram a importância da transformação das operações cognitivas que implica o recurso ao texto eletrônico. Aqui há uma mutação epistemológica fundamental que transforma profundamente as técnicas da

prova e as modalidades de construção e validação dos discursos de saber.

Um exemplo das novas possibilidades abertas tanto para a consulta de *corpus* de documentos como para a própria construção de uma argumentação histórica é a dupla publicação (impressa, nas páginas da *American Historical Review*, e eletrônica, no *site* da American Historical Association) do artigo que Robert Darnton (2000) dedicou às canções subversivas recolhidas pelos espiões da polícia do rei nos cafés parisienses do século XVIII.<sup>1</sup> A versão eletrônica oferece ao leitor o que o impresso não pode lhe dar: uma cartografia dinâmica dos lugares onde são cantadas as canções, os informes da polícia que recolhem as letras subversivas, o *corpus* de canções e, graças à gravação feita por Hélène Delavault, a escuta dos textos tal como os ouviram os contemporâneos. Assim se estabelece uma relação nova, mais comprometida com os vestígios do passado e, possivelmente, mais crítica com respeito à interpretação do historiador.

Ao permitir uma nova organização dos discursos históricos, baseada na multiplicação das ligações hipertextuais e na distinção entre diferentes níveis de textos (do resumo das conclusões à publicação dos documentos), o livro eletrônico é uma resposta possível, ou ao menos apresentada como tal, à crise da edição

<sup>1</sup> Ver também a página web da AHR: [www.historycooperative.org/ahr](http://www.historycooperative.org/ahr).

nas ciências humanas.<sup>2</sup> Em ambos os lados do Atlântico os efeitos são comparáveis, embora as causas principais não sejam exatamente as mesmas. Nos Estados Unidos, a questão principal é a redução drástica das aquisições de *monographs* pelas bibliotecas universitárias, cujos recursos são devorados pelas assinaturas de publicações científicas que, em alguns casos, têm preços consideráveis (entre 10.000 e 15.000 dólares por ano). Daí a hesitação das editoras universitárias diante da publicação de obras que são consideradas por demais especializadas: teses de doutorado, estudos monográficos ou livros de erudição (DARNTON, 1999). Na França, e sem dúvida mais amplamente na Europa, uma redução similar da produção, que limita o número de títulos publicados e recusa as obras demasiadamente concretas ou as traduções demasiadamente caras, provém sobretudo da diminuição do público de leitores assíduos – que não era formado apenas por universitários – junto com a queda do volume de suas compras (CHARTIER, 2000).

A edição eletrônica dos livros de história que as editoras não querem ou não podem publicar é a solução para essa dificuldade? As iniciativas tomadas nesse sentido, com a criação de coleções digitais dedicadas a publicar livros novos,

<sup>2</sup> Ver, por exemplo, o projeto desenvolvido pela Columbia University Press, em Nova York: Electronic Publishing Initiative @ Columbia e sua série "Gutenberg e-series of monographs in History".

permitiriam pensar que é assim. Porém continua pendente uma questão: a da capacidade desse livro novo de encontrar ou produzir seus leitores. Por um lado, a longa história da leitura mostra fortemente que as mudanças na ordem das práticas costumam ser mais lentas que as revoluções das técnicas e que sempre estão defasadas em relação a estas. A invenção da imprensa não produziu imediatamente novas maneiras de ler. Por sua vez, as categorias intelectuais que associamos com o mundo dos textos subsistem diante das novas formas do escrito, enquanto que a própria noção de "livro" se acha questionada pela dissociação entre a obra, em sua coerência intelectual, e o objeto material que assegurava sua imediata percepção e apreensão. Por outro lado, não se deve esquecer que os leitores (e os autores) potenciais dos livros eletrônicos, quando não se trata de *corpus* de documentos, são ainda minoritários. Continua existindo uma profunda brecha entre a obsessiva presença da revolução eletrônica nos discursos e a realidade das práticas de leitura, que continuam estando, em grande medida, apegadas aos objetos impressos e que não exploram senão parcialmente as possibilidades oferecidas pelo digital. O fracasso e o desaparecimento de numerosos editores que se haviam especializado no mercado dos ensaios e dos romances em formato eletrônico nos lembram que seria um erro considerar que o virtual já é real.

## Os tempos da história



O título deste ensaio é *A história ou a leitura do tempo*. Nesta conclusão, desejaria colocá-lo no plural e recordar, sendo fiel à obra de Fernand Braudel, que a especificidade da história, dentro das ciências humanas e sociais, é sua capacidade de distinguir e articular os diferentes tempos que se acham superpostos em cada momento histórico. Aqui se deve voltar à construção temporal que sustentava todo o edifício da história global, e, mais além, da ciência do social, tal como as definia Braudel ([1958] 1997, p. 189-190): “A história se situa em patamares diferentes, diria de bom grado, em três patamares, mas essa é uma maneira de falar muito simplista. [...] Na superfície uma história factual se inscreve no tempo curto: é uma micro-história. A meia encosta, uma história conjuntural segue um ritmo mais largo e mais lento. Foi estudada até aqui sobretudo no plano da vida material, dos ciclos ou interciclos econômicos. [...] Para além desse ‘recitativo’ da conjuntura, a história estrutural, ou de longa duração, coloca em jogo séculos inteiros; está no limite do móvel e do imóvel e, por seus valores fixos há muito tempo, faz figura invariante em face de outras histórias, mais vivas a se escoar e a se consumir,